

Estação Net Botafogo-Sala 4

Rua Voluntários da Pátria, 88

PEDRA PAGU

Peça-Filme
de
Regina
Miranda

com Lígia
Tourinho

25 a 28 de Setembro

Quinta a Domingo às 20h

Sábado e Domingo também às 18h

Ingressos no Sympia

PERFORMANCE

Dramaturgia e Direção:

Regina Miranda, a partir de obras de Patrícia Galvão/Pagu

Pesquisa:

Lígia Tourinho e Regina Miranda

Interpretação:

Lígia Tourinho

Desenho de Luz:

Regina Miranda

Assistente de Produção

Caio Oiticica

FILME

Roteiro e Direção

Regina Miranda

Interpretação:

Lígia Tourinho

Participação Especial:

Flávio Lauria

Figurino:

Luiza Marcier

Direção de Fotografia e câmera: Vanessa Lauria

Edição:

Vanessa Lauria e Luiz Guimarães de Castro

Trilha Sonora:

Último Desejo, de Noel Rosa (dom. público) interpretada ao piano por André Loddi

Direção de Arte e Locação:

Alexei Waichenberg

foto: carol Pires

Produção Executiva

Regina Miranda e Lígia Tourinho

Realização

Cia Regina Miranda e Atores Bailarinos

Agradecimentos

Alexei Waichenberg, Aline Bernardi, Cavideo, Luis R. Cancel

Proposta da Direção

A cineperformance **Pedra Pagu** transita no eixo da tensão entre aparecimento e desaparecimento, que orienta sua dramaturgia e atravessa a própria vida de Pagu / Patrícia Galvão, mulher que se apresentou sob diferentes nomes, apareceu de uma maneira que restringia sua complexidade e que, por longo tempo, foi desaparecida nos costumeiros apagamentos da história. A direção segue esse movimento descontínuo, propondo uma escrita cênica em mosaico, que reflete uma percepção fragmentada de sua vida.

A articulação entre filme e cena ao vivo oscila entre apagamentos, ou diluições na imagem e reaparições aos pedaços, que por vezes sugerem uma pintura cubista. Na dupla cena, a incompletude é proposital: o vazio, ou escuridão, tão eloquente quanto a presença iluminada.

As imagens em tela dialogam com o corpo presente, criando percepções fugidias e indagações: O que aparece? Quem desaparece? O que ou quem permanece? Enquanto cada pessoa da plateia é convidada a deslocar sua maneira habitual de olhar e apreciar a personagem a partir dos estilhaços que lhe são oferecidos, a atriz oscila entre presença e ausência e seu corpo se multiplica, se dissolve e se refaz em sobreposições.

Filme e corpo presente entremeados, propõem modos de ver que se abram ao múltiplo, ao fragmentado e ao instável. Palco e tela se espelham, trocam desejos, embaralham hierarquias e produzem novas narrativas de si. Nesse ir e vir, a memória tampouco é registro fixo, mas campo movediço, atravessado por luz, sombra e tempo. Assim, *Pedra Pagu* deixa em suspenso qualquer tentativa de fixação, oferecendo uma experiência de presença fluida, que se faz nos intervalos entre o que some, o que ressurge e o que persiste.

Regina Miranda, 2025

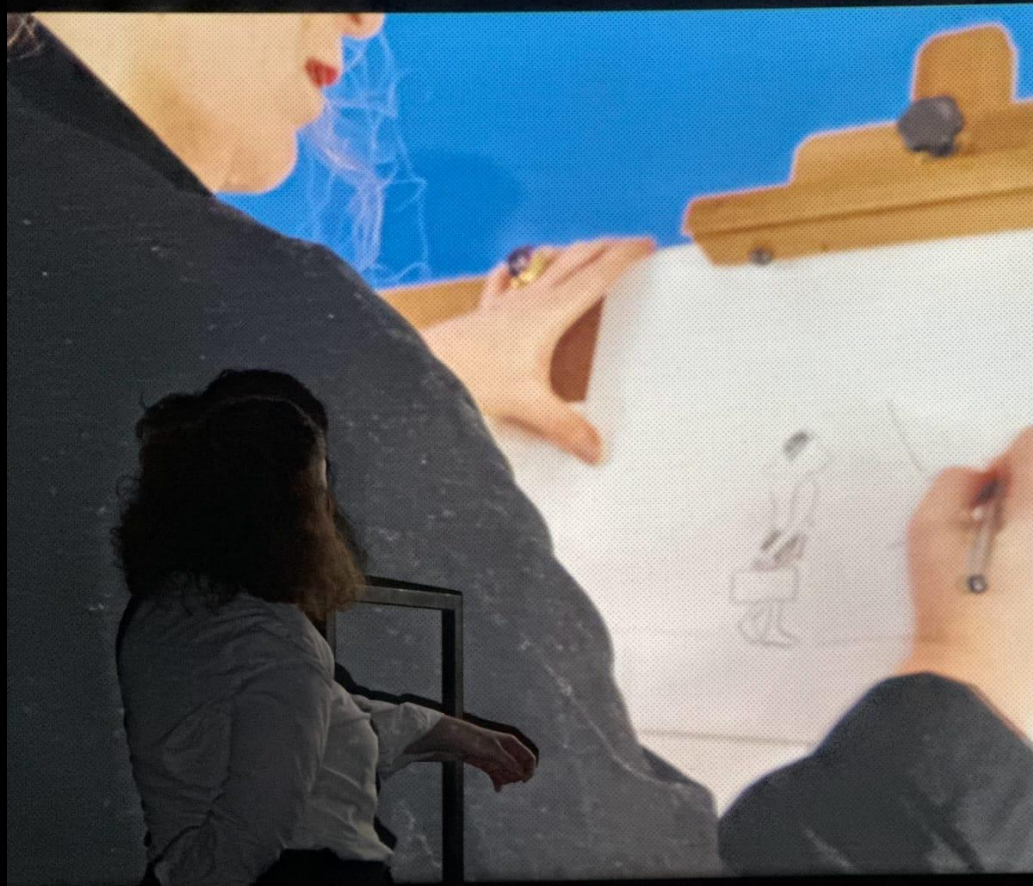


foto: Vanessa Lauria

Pagu e o Teatro: uma introdução

Pagu foi um anjo anárquico que veio ao mundo para nos inquietar.
Plínio Marcos

Começo com uma reivindicação: reconhecer Pagu / Patrícia Galvão como mulher de teatro. Essa tarefa insere-se no campo conceitual da *herstory*, termo que surgiu pela primeira vez na antologia *Sisterhood is Powerful* (Morgan, 1970). Em oposição a *history*, *herstory* evidencia a contribuição das mulheres, amplamente invisibilizada pela historiografia ocidental.

Patrícia Rehder Galvão (1910-1962) foi escritora, poetisa, tradutora, desenhista, cartunista, jornalista, militante comunista, presa política, além de ter trazido as primeiras sementes de soja ao Brasil, sonhando em erradicar a fome. Também atuou como diretora, dramaturga e incentivadora cultural, tendo papel fundamental no desenvolvimento da cena teatral de meados do século XX. Apesar disso, foi por muito tempo lembrada apenas como musa do modernismo, mulher de Oswald de Andrade, ou militante comunista. Sua complexidade, no entanto, se revela em um mosaico tão vasto quanto os inúmeros pseudônimos que adotou: Irman Paula, Mara Lobo, Pat, Pt, Ariel, Patsy, Gin, Solange Sohl, entre outros.

Em 1931, ingressou no Partido Comunista Brasileiro e lançou-se a transformações radicais, como trabalhar como operária e viver em cortiços. Ao participar da organização de uma greve de estivadores em Santos, foi presa pela polícia política de Vargas - a primeira de uma série de 23 prisões. Em 1952, apaixonou-se pelo teatro, ingressou na Escola de Arte Dramática de São Paulo e levou seus espetáculos a Santos, onde passou a residir a partir de 1953. Ligada ao teatro de vanguarda, traduziu e dirigiu *A Cantora Careca*, de Ionesco, e *Fando e Liz*, de Arrabal, em montagem que lançou Plínio Marcos. Incentivou jovens artistas e escreveu dramaturgias próprias, como *Fuga e Variações* (1954), peça de um ato que explorava os conflitos de jovens diante da sociedade, da família e dos desejos.

Em 1955 iniciou no jornal *A Tribuna* uma série de crônicas sobre o teatro mundial contemporâneo, trazendo a público nomes pouco conhecidos na época. Sua primeira crônica foi sobre Bertolt Brecht, tornando-a uma das primeiras vozes a introduzir sua obra no Brasil. Reconhecer esse papel é recontar a História do Teatro no país, ainda pouco atravessada por perspectivas femininas. À frente de seu tempo, revolucionária em comportamento e pensamento, defensora das minorias e da liberdade das mulheres, Pagu/Patrícia Galvão encerrou seu ciclo em 1962.

Ligia Tourinho, 2025



foto: Vanessa Lauria